

PALAVRAS DE ABERTURA

1. Foi esta — este colóquio cujos trabalhos aqui se publicam — a terceira de uma série de iniciativas da mesma índole genérica que o Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS) levou a cabo no decurso do ano lectivo de 1984-85. E cito:

Em Outubro de 1984 teve lugar um «Seminário sobre os Jovens Portugueses e a Religião», promovido e organizado em estreita colaboração com o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento;

Em Fevereiro de 1985 efectuou-se um «Colóquio Interdisciplinar sobre a Mulher em Portugal», em cuja comissão organizadora participaram, além de um certo número de elementos do pessoal de investigação do Instituto, duas especialistas em estudos sobre a mulher, não pertencentes ao ICS, de quem aliás haviam emanado a sugestão e a proposta desta iniciativa;

Em Março do mesmo ano realizou-se o «Colóquio sobre Mudanças Sociais no Portugal de hoje», cujas comunicações preenchem o presente número tripló de Análise Social e cujo projecto e organização couberam exclusivamente ao ICS;

Finalmente, em Maio de 1985 efectuou-se um «Colóquio sobre Cooperação de Portugal com os Países Africanos de Expressão Oficial Portuguesa», levado a cabo em cooperação com o Instituto Damião de Góis.

Propósito comum a todos estes empreendimentos? O de trazer a público e a debate os resultados de estudos e investigações sobre temas de interesse básico para o esclarecimento das realidades portuguesas e para o equacionamento de problemas cruciais que a nossa sociedade defronta ou terá de defrontar. O ICS não pretende — não é essa a sua competência nem a sua vocação própria — formular soluções para esses problemas. Pensa, porém, que realiza um trabalho social e culturalmente valioso e de interesse basilar ao contribuir — em primeiro lugar através de toda a sua actividade, portanto também através dos colóquios e seminários que tem vindo a promover e aos quais outros naturalmente se seguirão — para colocar a sociedade portuguesa perante um conhecimento e uma consciência cada vez mais amplos, mais claros e mais aprofundados de si

mesma e de certos dados e reflexões — respeitantes às suas estruturas, situações e alterações — que se afiguram indispensáveis para um equacionamento correcto e bem informado dos seus problemas de desenvolvimento e de transformação social.

2. O «Colóquio sobre Mudanças Sociais no Portugal de hoje», se foi, como já assinalai, o terceiro promovido no ano lectivo de 1984-85, foi igualmente o terceiro de uma outra série, que se iniciou em 1979. Nesse ano teve lugar um «Colóquio sobre o Século XIX em Portugal»; em 1982, um novo «Colóquio sobre a Formação de Portugal Contemporâneo (1900-1980)»; em 1985, na sequência dos anteriores, o «Colóquio sobre Mudanças Sociais no Portugal de hoje».

Assim, depois de, em 1979, se ter ido procurar raízes do Portugal dos nossos dias no Portugal oitocentista, e depois de, em 1982, se ter tentado acompanhar, em numerosos e muito diversos domínios, o processo de continuidade e mudanças da sociedade portuguesa nos primeiros 80 anos do século xx (chegando-se deste modo até à actualidade) — em 1985 quis-se prolongar o percurso já feito nos dois anteriores colóquios, buscando agora apreender e tornar patentes um certo número de modificações relevantes (estruturais, institucionais, culturais) que, no País e no tempo em que nos situamos, se estão operando sob os nossos olhos, sem que, no entanto, com frequência as vejamos ou, pelo menos, sem que as apercebamos com inteira clareza e com o indispensável rigor. Nesta linha de ideias e de intenções, inevitavelmente se impôs, para este colóquio, um esquema de organização e de funcionamento por painéis, cada um dos quais dedicado a uma das áreas temáticas que previamente se julgou imprescindível abordar.

Tenho perfeita consciência de que os seis campos temáticos seleccionados não esgotam de modo algum os que seriam teoricamente possíveis e inteiramente justificáveis se o colóquio tivesse podido alongar-se por mais de três dias — e, de resto, não ignoro, muito pelo contrário, que já existem ou se encontram em curso estudos e investigações sobre outras áreas muito importantes em que mudanças sociais particularmente significativas estão ocorrendo em Portugal. Outrossim, tenho aguda consciência de que, em cada campo temático (e, portanto, em cada um dos seis painéis), a necessidade — imposta pelas limitações do tempo diariamente disponível para o funcionamento do colóquio — de restringir a quatro o número das comunicações forçou a proceder a escolhas, difíceis não raro (e sempre, sem dúvida, discutíveis), acerca dos temas parciais a abordar no quadro de cada painel. Seja-me, no entanto, permitido explicitar os três critérios que guiaram a comissão organizadora na efectivação dessas escolhas. Em primeiro lugar, um critério negativo: não retomar no colóquio temas que já têm sido publicamente analisados e debatidos suficientemente por outras vias e/ou por outras instituições. Depois, dois critérios positivos: por um lado, dar decidida preferência a temas de vincado interesse estrutural sobre temas de significado mais propriamente conjuntural; por outro, seleccionar temas para o tratamento dos quais se dispusesse de especialistas de indiscutível competência, disponíveis em tempo útil para elaborar e apresentar comunicações. O trabalho realizado dentro dos moldes adoptados aí fica agora inteiramente exposto à crítica, que será sempre bemvinda.

3. Antes de concluir estas breves «palavras de abertura», não quero deixar de novamente exprimir em público, e desta vez por escrito, um certo número de agradecimentos, que são manifestamente devidos e que foram oralmente formulados aquando da sessão de abertura do colóquio:

À Comissão Organizadora das Comemorações do Dia da Liberdade de 1984 — e, em especial, ao seu presidente, Dr. Francisco de Sousa Tavares —, pelo valioso apoio moral e financeiro concedido a esta iniciativa, que sem tal apoio não se poderia aliás ter efectivado;

À Fundação Calouste Gulbenkian — e especialmente ao seu presidente, Doutor José de Azeredo Perdigão, e ao seu administrador Prof. Doutor Joel Serrão —, quer pela pronta cedência de instalações para nelas ter lugar o colóquio, quer pela importante participação, através do pelouro de ciência, no financiamento da edição dos respectivos trabalhos;

A quantos se dispuseram generosamente, e não raramente com verdadeiro entusiasmo, a elaborar e a apresentar, nos diversos painéis, as comunicações que no colóquio foram ouvidas e discutidas e que neste lugar se publicam;

A todos os que, aceitando o convite do ICS para se inscreverem como participantes no colóquio, tornaram possível a reunião, neste último, de um público numeroso e profundamente interessado, informado e competente, de cujo seio emergiram debates vivos, animados e frequentemente muito profícuos, de que infelizmente não é possível dar conta nesta publicação.

Finalmente — mas os últimos são os primeiros —, quero agradecer ao Mag.^o Reitor da Universidade de Lisboa, Prof. Doutor José Manuel Toscano Rico, a sua presença na sessão de abertura do colóquio. Para o Instituto de Ciências Sociais — instituição de investigação e de formação científicas que se orgulha de pertencer à Universidade de Lisboa e que pretende agir sempre no sentido de contribuir, na medida das suas possibilidades, para o incremento do prestígio cultural e social e para o alargamento do âmbito das actividades científicas e formativas da Universidade em que está integrado —, aquela presença significou expressivamente que a Reitoria da Universidade de Lisboa acompanha e apoia, com compreensão e visível interesse, as actividades e as iniciativas que, na sua esfera própria de actuações e dentro das suas finalidades, as quais não se reduzem, insisto, à investigação, uma vez que englobam também, legalmente, a formação científica de docentes, investigadores e outros especialistas de Ciências Sociais, o ICS tem vindo, e se propõe continuar, a desenvolver.

4. Uma última palavra: vamos continuar. Não porventura com novas séries de colóquios, embora outros colóquios ou seminários comecem, desde já, a perfilar-se no horizonte de futuras iniciativas do ICS. Mas talvez sobretudo mediante novas modalidades de presença activa na vida e na cultura da sociedade portuguesa, acaso mais eficazes ou de efeitos mais profundos, as quais a seu tempo serão anunciadas. O ICS é um projecto; mas um projecto que incessantemente importa questionar, repensar, reformular. É o que tentaremos fazer.